

## Resenha

SANTHIAGO, Ricardo. *Solistas dissonantes*: história (oral) de cantoras negras. São Paulo: Letra e Voz, 2009.

### Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior

Dimensões significativas da experiência humana, individual ou coletiva, não são incorporadas à materialidade das palavras. Na rotina de produção discursiva a escrita reitera as obviedades e permite pouco oxigênio às práticas criativas. Permito-me então contribuir com o universo do óbvio: a despeito das tentativas de pasteurização é um alento deparar-se com a diversidade da cena musical popular brasileira contemporânea. Encontros que nos são proporcionados também pela história e demais ciências sociais permitindo (re)conhecer a trajetória excêntrica, nem por isso menos decisiva, de músicos desse imenso Brasil.

É o que faz Ricardo Santhiago, historiador e jornalista, ao compor o seu *Solistas dissonantes*. Resultado de entrevistas com treze cantoras brasileiras, o texto foi inicialmente preparado como dissertação de mestrado. Textualizando as falas de Adyel Silva, Leila Maria, Virginia Rosa, Misty, Izzy Gordon, Graça Cunha, Arícia Mess, Ivete Souza, Eliana Pittman, Zezé Motta, Rosa Marya Colin, Aúrea Martins e Alaíde Costa, o autor articula as carreiras de cantoras negras brasileiras, não sambistas - que eventualmente cantam sambas quando querem -, às questões de gênero, raça, trabalho e

Prof. Adjunto no Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia

memória, mostrando com acuidade que, “por trás de palavras escritas, estão a história viva e as palavras vivas.” (p. 33)

Vidas e carreiras musicais muito distintas, contadas na voz das protagonistas, vislumbram a canção popular e a sociedade brasileira das últimas cinco ou seis décadas. O leitor se deparará com o processo social de transformação de mulheres negras - pobres e/ou classe média -, em cantoras. Nesse sentido, ganham importância os aspectos semelhantes das escolhas, as influências, heranças, conflitos, resistências, nas esferas familiar e pública.

Verá o leitor, nas treze experiências, a importância da educação familiar na formação musical eclética e determinante nas definições estéticas e políticas que essas cantoras elaboraram na produção das carreiras profissionais. Há aquelas que reconhecem terem nascido para ganhar a vida cantando; outras que despertaram mais tarde impulsionadas a exercitar um dom; ou mesmo cantoras cujas famílias resistiram a profissionalização.

As treze cantoras, nascidas ao longo do século XX, expressam de modos, e em tempos diferentes a consciência e as marcas da negritude. Com as exceções de Eliana Pittman: “eu nunca sofri racismo, mas tenho total consciência de que ele existe.” (p. 194) e Virginia Rosa: “Eu, graças a Deus, nunca sofri discriminação racial”, todas as outras cantoras lembraram experiências de discriminação racial em que estiveram envolvidas – o modo como elas enfrentaram essas situações torna a palavra vítima inadequada nesse ambiente -, considerando-as fatores decisivos no ritmo de estabelecimento e consolidação de duas carreiras musicais.

Santhiago, por sua vez, comentando a questão argumenta que, “iniciativas e entendimentos não são pautadas por laços raciais ou étnicos. Pode-se dizer até que, pelo contrário, a negritude é elemento pouco relevante na interlocução artística ou na constituição de redes de trabalho.” (p. 270). Tratando do processo de formação da identidade musical dessas cantoras, apenas desconfio que certa “recusa” ao samba, além da resistência ao enquadramento de estilo, está mediada também pela questão da

negritude e raça. Como lembra Zezé Motta: “... sempre rejeitei o rótulo de sambista – não porque tivesse algo contra o samba, mas porque sabia que a gravadora queria que gravasse samba por ser negra.” (p. 207) Resistência estética e política inclusive contra o patrulhamento do movimento negro que discriminava aquelas que cantavam música de “branco”, ou mesmo se relacionavam com homens brancos, como narra a própria Zezé Motta.

Cantoras ecléticas, que jamais abriram mão de serem protagonista do próprio sucesso, desprezando a fama rápida, passageira e inconsistente, enfrentaram com resistência e negociações os obstáculos de difícil superação. O fato de serem mulheres e negras em muito lhes dificultou a construção de espaços na cena musical brasileira da segunda metade do século XX.

“Se você diz que não pode eu vou e faço” (Adyel Silva); “Jamais vão me dizer o que eu devo fazer” (Alaíde Costa). São esses posicionamentos que sintetizam mais que a ‘administração’ das carreiras musicais, mas dão sentidos às vidas. É a própria força se constituindo em obstáculo, definindo, por conseguinte, o tamanho de suas discografias e a extensão do seu sucesso e uma altivez incomum diante do mundo. Todas parecem cientes do preço que pagam por enfrentarem os diretores musicais das gravadoras, rádios e redes de televisão (enfrentam também as estruturas sóciorraciais brasileiras) e a reduzida capacidade de compreensão do mundo que estas mídias manifestam, aliada a um oportunismo sem fronteiras (outro dia escutei Roberto Menescal, em programa na Globo News, afirmar peremptoriamente, que a música de Michael Jackson integraria a bossa nova).

A forma como o livro foi arranjado demonstra não apenas as habilidades de cientista social de Ricardo Santhiago, mas também sua sensibilidade como compositor para revelar não apenas as influências musicais das treze cantoras, mas também suas tristezas, vitórias, frustrações, melancolias e, como afirma Cida Moreira, suas lutas pessoais “para preservar a beleza de suas vozes e de suas vidas.” (p. 16).

Entre as cantoras negras não sambistas a presença de Alaíde Costa como inauguradora de uma tradição é quase um consenso. Adyel Silva reconhece que, “Alaíde Costa é absolutamente elegante e absolutamente verdadeira.” (p. 61). É com a entrevista dela que Santhiago apresenta seus acordes finais concluindo seu belo e emocionante livro, de imensas possibilidades interpretativas, ressaltando as semelhanças e diferenças entre as protagonistas e a polissemia de suas falas.

Como apreciador da cena musical popular brasileira creio que seria importante, em futuro breve, conhecermos as trajetórias de cantoras como Daúde, Luciana Mello, Paula Lima, entre outras intérpretes, cujas carreiras se aproximam da abordagem desenvolvida por Ricardo Santhiago. De todo modo, reitero meu apreço pela sua dissonância, esperando que os brasileiros que cultivam a história oral e a história da música brasileira encontrem nos caminhos por ele trilhados um referencial importante.